

## Lugar de mulher é na ciência: um estudo acerca da desigualdade de gênero na ciência da comunicação<sup>1</sup>

Antônia HAAG<sup>2</sup>

Giovanna PARISE<sup>3</sup>

Júlia PEREZ<sup>4</sup>

Martina IRIGOYEN<sup>5</sup>

Laura WOTTRICH<sup>6</sup>

Milena Freire DE OLIVEIRA-CRUZ<sup>7</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

O presente artigo visa conceituar gênero e ciência e analisar o estado da arte sobre esses temas no campo da comunicação no Brasil. Nesse sentido, buscamos contribuir para a formação de redes de investigação e reflexão sobre o assunto. Isso é feito a partir do mapeamento da publicização dos dados das relações generificadas no âmbito da produção científica no Campo da Comunicação no Brasil. A metodologia da pesquisa tem natureza quantitativa, fazendo o mapeamento de publicações sobre gênero e ciência nas produções científicas defendidas nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) de Comunicação nos últimos anos e nas principais revistas da área da comunicação.

**Palavras-chave:** comunicação; desigualdade de gênero; ciência.

### Introdução

O presente trabalho é fruto de um projeto de pesquisa mais amplo denominado *Ser mulher e ser pesquisadora no campo da comunicação: entre papéis sociais e desigualdades*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, UFSM, email: [antoniathaag@gmail.com](mailto:antoniathaag@gmail.com). Bolsista PET/FNDE pelo PET Ciências Sociais Aplicadas (PET CiSA/UFSM)

<sup>3</sup> Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contemplada com a bolsa a de Iniciação Científica PIBIC CNPq-UFRGS (vigência de 01/09/2020 até 31/08/2021) no projeto de pesquisa A análise metodológica no aprendizado e consolidação da prática de pesquisa no campo da comunicação (Edital MCTIC/CNPq no. 28/2018), com orientação da Profª. Dra. Laura Wottrich.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Relações Públicas, UFSM. Contemplada com a bolsa a de Iniciação Científica PROBIC FAPERGS-UFSM (vigência de 01/08/2020 até 31/07/2021) no projeto de pesquisa Real, Romântica e ativa: narrativas pessoais e interações sobre a maternidade nas redes sociais com orientação da Profª. Dr.ª Milena Carvalho Bezerra Freire, e-mail: [julialp9@gmail.com](mailto:julialp9@gmail.com).

<sup>5</sup> Estudante de Graduação. 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [maartina.bi@gmail.com](mailto:maartina.bi@gmail.com)

<sup>6</sup> Orientadora. Professora Doutora do Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [laura.wottrich@ufrgs.br](mailto:laura.wottrich@ufrgs.br).

<sup>7</sup> Orientadora. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [milena.freire@ufsm.br](mailto:milena.freire@ufsm.br)

*na esfera do trabalho e da produtividade acadêmica*, que tem como objetivo auxiliar na discussão acerca dos papéis e problemáticas de gênero na produção científica da comunicação no Brasil. Dessa forma, o artigo visa contribuir para a formação de redes de investigação e reflexão sobre o tema a partir do mapeamento dos dados publicados sobre as questões de gênero na produção científica no Campo da Comunicação no país.

O nosso problema é sustentado pela seguinte questão central: como se expressa a desigualdade de gênero na ciência da comunicação no Brasil? Para respondê-la, tomamos como objetivo geral realizar o estado da arte dos estudos em comunicação que tratam das desigualdades de gênero na ciência da comunicação do Brasil. A partir desta busca, nosso objetivo é desmembrado em dois específicos, são eles: (1) discutir as desigualdades de gênero na Ciência a partir das autoras Velho e Léon (1998), Martín-Palomino (2018) e Ramos (2008), e (2) propor a discussão sobre as desigualdades de gênero na ciência da Comunicação. A metodologia da pesquisa tem caráter quantitativo, e visa expor um mapeamento sobre gênero e ciência da comunicação nas teses e dissertações dos principais PPGs brasileiros e nas principais revistas da área

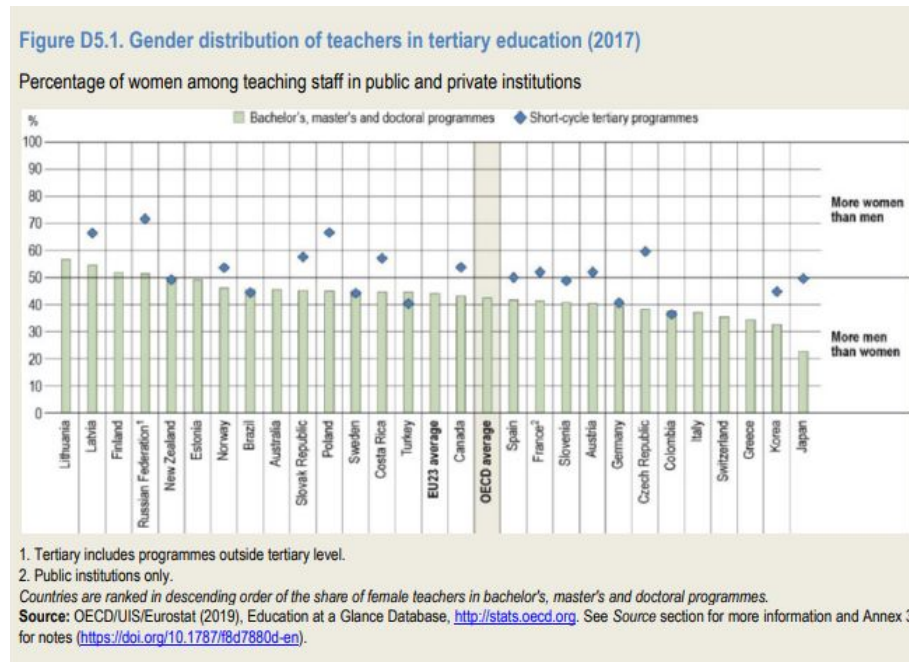
A presença das mulheres na ciência é resultado de um processo que determinou várias formas de exclusão, segundo Lima e Souza (2003), “as mulheres cientistas transgridem duas vezes: uma porque não estão em casa, como também não estão todas as mulheres trabalhadoras e outra por serem capazes de transitar em um mundo que não foi pensado ou feito para elas, o mundo do conhecimento” (LIMA; SOUZA, 2003, p.29 apud SILVA, 2008, p.145). Também sobre o tema mulheres na ciência, Velho e Léon (1998) identificaram algumas tendências gerais. A primeira é que, apesar de ser maioria na academia, é raro o país em que a proporção de mulheres docentes no ensino superior seja maior, como mostrou o estudo *Education at a Glance*, de 2019<sup>8</sup>.

---

8

Disponível em:  
<https://oecdutoday.com/education-at-a-glance-2019-key-findings/#:~:text=%20Education%20at%20a%20Glance%202019%3A%205%20key,education%2C%20women%20outnumber%20men%20more%20than...%20More%20>. Acesso em 30/10/2020.

**Figura 01** – Distribuição de professores por gênero no Ensino Superior (2017)



Fonte: OECD/UIS/Eurostat (2019)

A primeira vez que os termos *gender* e *science* apareceram conjugados foi em 1978, no artigo de Evelyn Fox Keller. A autora considerava as relações de subjetividade e identificava uma “associação historicamente onipresente” (LOPES, 2006, p.40) entre masculino e objetivo.

A presença maior das mulheres na área da Comunicação está relacionada à divisão do que se convencionou chamar de áreas “femininas” e “masculinas”. Essa divisão, como explica Elizabete da Silva (2008), vem ainda do surgimento da Ciência Moderna, quando as mulheres foram apartadas das discussões e dos afazeres científicos, e foram consideradas como seres dotados de uma responsabilidade: a reprodução. A autora ressalta que “neste caso, as mulheres não foram consideradas indivíduos dotados de razão, mas de emoção, as mulheres possuíam o contraponto da razão – o coração” (SILVA, 2008, p.3).

Com o desenvolvimento científico e do próprio movimento feminista, a convencional divisão das ciências femininas e masculinas se tornou mais clara. Para Maria Margaret Lopes (2006), “foi justamente na demarcação de campos disciplinares que gênero se consolidou no âmbito das ciências humanas como construto cultural em oposição ao sexo como “fato” da esfera das ciências naturais” (LOPES, 2006, p.47). O resultado, segundo a autora, foi a reprodução da tradicional divisão desigual de tarefas entre gêneros. As ciências como “Economia Doméstica”, relacionadas à nutrição, culinária, saúde, higiene, cuidados

com as crianças, a infância e o ambiente doméstico foram espaços privilegiados que se abriram às mulheres para segregá-las (LOPES, 2006).

Esse processo inicia-se na infância, não só na escola, como abordado por Silva (2008), mas também no núcleo familiar, quando meninas e meninos são ensinados a terem interesses distintos. Novamente, vinculando o menino à razão e a menina ao coração. Para Velho e Léon (1998),

Mais preocupante que o pequeno envolvimento das mulheres na Física e nas Engenharias é que isto não se dá por escolha consciente delas, mas pelo fato de que as portas de entrada para estas carreiras lhes foram fechadas, segundo alguns autores, em torno da sétima série escolar, quando as meninas passam a manifestar menor habilidade para a Matemática que os meninos. Na origem desta diferença de habilidade encontram-se processos de socialização que ocorrem diante de uma elevada escassez relativa de modelos apropriados, nas ciências e nas Engenharias, a serem emulados pelas meninas.” (VELHO, LÉON, 1998, p.312)

Essa influência precoce incide sobre as futuras decisões e oportunidades profissionais pelas quais esses cidadãos passarão. Na carreira científica, o processo de socialização para papéis sexuais distintos resulta no *gender tracking*, ou seja, na concentração de mulheres em disciplinas particulares, padrão que se repete na maior parte dos países, sejam eles desenvolvidos ou não (VELHO & LÉON, 1998).

Segundo estudo citado acima, Education at a Glance (EAG) de 2019, realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), as mulheres são maioria nos cursos de educação, ciências sociais, jornalismo e informação, enquanto homens ocupam, principalmente, as vagas dos cursos de engenharia, trabalhos manuais e comunicação e tecnologia. Este mesmo resultado, mostrou o CENSO do Ensino Superior de 2015<sup>9</sup>: a lista das profissões preferidas pelas mulheres é dominada por graduações em humanidades, como pedagogia e direito, ou formações ligadas à saúde, como enfermagem e fisioterapia. Já no ranking dos cursos com mais homens matriculados, aparecem disciplinas de exatas, como engenharia e tecnologia.

Outro fator que indica a discriminação sofrida por mulheres no campo científico é que as áreas mais ocupadas por mulheres são as menos reconhecidas. Ou seja, o prestígio de uma disciplina é inversamente proporcional ao número de mulheres que a praticam (LOPES, 2006). A correlação negativa entre presença de mulheres e status, remuneração e

---

<sup>9</sup>Documento disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/resumo\\_tecnico/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2015.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2015.pdf). Acesso em 30/10/2020.

reconhecimento de uma determinada profissão também é destaca por Velho e Léon (1998), e é neste contexto que a Comunicação se encontra. Desse modo, foi entendido que era necessária a pesquisa e análise da situação da Ciência da Comunicação nos campos de gênero e ciência brasileira. Para isso, realizou-se um estado da arte nas teses e dissertações dos principais PPGs brasileiros e nas principais revistas de Comunicação do Brasil..

### **Desigualdade de gênero na ciência**

Apesar de percebermos alguns avanços no que diz respeito à inserção das mulheres na Ciência, ainda há um longo caminho a ser percorrido, e um longo debate a ser feito. Os dados que mostram que as mulheres são a maior parte dos discentes, por exemplo, não são suficientes, visto que não são acompanhados da presença de mulheres nos cargos de liderança, nos prêmios mais importantes e nas esferas mais reconhecidas. Dos quase mil ganhadores do Prêmio Nobel, de 1901 até 2019, apenas 53 são mulheres (5%). Quatro delas são negras.

Velho e Léon (1998) identificaram três tendências gerais da presença das mulheres na ciência. A primeira é que é raro o país em que a proporção de mulheres docentes no ensino superior seja maior, mesmo que elas sejam a maioria dos discentes. A segunda é que, quanto mais alto se está na hierarquia acadêmica, menor é a representatividade de mulheres. Por fim, a terceira é que, mesmo quando as mulheres conseguem vencer as barreiras e ingressar na carreira acadêmica, elas obtêm sucesso de maneira desproporcional aos homens, por exemplo, elas têm menor produção científica.

Esther Martín-Palomino (2018) chama a dificuldade que as mulheres têm de chegar a posições mais altas da hierarquia na ciência de “techo de cristal”. Concomitantemente a esse fenômeno, ocorre o que a autora nomeia “suelo pegajoso” que é, por sua vez, o aumento das mulheres em posições inferiores do campo científico ao longo dos anos, sem que elas sejam promovidas. Ou seja, de fato há cada vez mais mulheres fazendo ciência, mas os lugares que elas ocupam ainda são menos privilegiados que os dos homens.

Ainda em sua argumentação, Martín-Palomino (2018) considera que uma das causas do “techo de cristal” é a “homosocialidad”, ou seja, a tendência de pessoas se aproximarem por semelhança. A ciência foi, em sua origem, restrita a um grupo exclusivo de pessoas: homens brancos integrantes de uma elite com boas condições financeiras para investir em educação de qualidade. As consequências dessa exclusão se estende até hoje, porque o poder é controlado quase sempre pelos menos, que promovem apenas seus iguais. Isso é o que

explica, em partes, a maioria dos grupos de poder serem formados por homens brancos, enquanto as mulheres ficam com os cargos menos valorizados, no “suelo pegajoso” (MARTÍN-PALOMINO, 2018).

Além disso, ao abordarmos a inserção feminina na carreira acadêmica revela-se imprescindível levar em consideração a evasão profissional destas. Ana Maria Gonzalez Ramos (2018) disserta sobre as razões que levam as mulheres a abandonarem suas profissões. Nesse sentido, a autora reforça que “[...] questiona-se o papel da mulher, mas não as normas que regem as instituições científicas ou as normas sociais que mantêm as mulheres em situação de vulnerabilidade” (RAMOS, 2008, p. 43). Conforme Ramos (2008), inúmeros fatores estão por detrás desta problemática, portanto, seria incoerente e simplista afirmar que a evasão se justifica meramente por escolha profissional, desconsiderando a estrutura e as dinâmicas de gênero existentes na carreira acadêmica.

## **Metodologia**

A fim de cumprir o objetivo geral proposto e verificar a existência, ou não, de produções científicas expondo e, conseqüentemente, problematizando a desigualdade de gênero na comunicação, realizou-se um levantamento das produções que abordassem a temática em questão partindo do que Norma Ferreira (2002) entende como estado da arte.

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p.258)

Para além de defini-lo, cabe destacar o papel que o estado da arte assume na evolução da ciência. Segundo Soares (1982 apud FERREIRA, 2002), essa opção metodológica é necessária para que a ciência se desenvolva visto que a ordenação do que já foi feito, permite que encontremos contradições e lacunas que podem ser revistas em futuras pesquisas.

Para o estado da arte proposto nesta pesquisa, partimos do projeto *A análise metodológica no aprendizado e consolidação da prática de pesquisa no campo da comunicação*, que mapeia o desenvolvimento metodológico do campo da Comunicação, a fim

de consolidar uma base de dados para consulta no âmbito dos cursos de graduação, e do qual uma das autoras deste artigo atua como bolsista de Iniciação Científica.

O corpus do projeto reúne as teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação do país, entre os anos de 2013 e 2018. A escolha dos PPGs da área de Comunicação deu-se a partir daqueles filiados à Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), que obtiveram notas entre 5 e 7 na avaliação quadrienal de 2013 a 2016, empreendida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>10</sup>. Foram mapeados os trabalhos publicados entre 2013 e 2018 a partir das seguintes informações básicas: resumo, título, autor(a) e orientador(a). Adicionalmente, de modo a ampliar a representatividade do corpus para outras regiões do país não contempladas neste corpus de teses e dissertações e estender o período de análise até 2019, também foi realizada uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, em trabalhos vinculados especificamente à área da Comunicação.

O estado da arte para a presente pesquisa deu-se a partir desse corpus. Fez-se a busca pelos seguintes termos: desigualdade, ciência, científico, científica, feminismo, gênero e mulher. Além disso, também realizou-se uma revisão bibliométrica a partir dos artigos publicados no ano de 2019 e no primeiro semestre do ano de 2020<sup>11</sup>, na intenção de avaliar a quantia de textos produzidos que abordassem gênero, mais especificamente, a desigualdade de gênero na comunicação.

Quando o estado da arte é feito a partir dos resumos, é preciso reconhecer que a “História da produção acadêmica” oferecida por eles é “uma das possíveis Histórias, construída a partir da leitura desses resumos” (FERREIRA, 2002, p.269) e “não é absolutamente a mesma possível de ser narrada através da realidade constituída pelas

---

<sup>10</sup> São eles Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), Comunicação Social (PUCRS), Comunicação (UERJ), Comunicação e Cultura (UFBA), Comunicação (UFF), Comunicação (UFPE), Comunicação e Informação (UFRGS), Comunicação (UFRJ), Comunicação (UFSM), Ciências da Comunicação (Unisinos), Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná), Comunicação Social (UFMG). Cabe destacar que a escolha deste critério metodológico deu-se em razão do aproveitamento do corpus já constituído para a pesquisa “A análise metodológica no aprendizado e consolidação da prática de pesquisa no campo da comunicação”, da qual uma das autoras é bolsista de Iniciação Científica. Os autores estão, entretanto, conscientes das limitações da escolha, visto que o critério de avaliação dos PPGs pode acabar perpetuando desigualdades existentes na área acadêmica. Entre os PPGs, apenas dois não estão no Sudeste e Sul, assim como as revistas analisadas também estão nessas mesmas regiões. De modo a ampliar o escopo, foi realizada a busca também na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, que abriga pesquisas realizadas em todo o país.. As autoras não pretendem esgotar o tema, que pode - e deve - ser visto por diferentes perspectivas, no presente artigo.

<sup>11</sup> Optamos por ampliar a pesquisa para as principais revistas da área, a fim de complementá-la. Devido à quantidade de informações e ao que demanda a busca, fizemos a escolha de buscar apenas os mais recentes.

dissertações de mestrado e teses de doutorado, e que jamais poderá ser aquela narrada pela realidade vivida por cada pesquisador em sua pesquisa” (FERREIRA, 2002, p.268). Portanto, ela não é a única, mas é possível. “A possibilidade de leitura de uma História pelos resumos que sabemos não poder ser considerada a única, tampouco a mais verdadeira e correta, mas aquela proposta pelo pesquisador do “estado da arte” (FERREIRA, 2002, p.270).

Para a revisão bibliométrica, foram consultadas as seguintes revistas de classificação Qualis A: Comunicação, mídia e consumo (ESPM), Chasqui (CIESPAL), E-compós, Em questão (UFRGS), Galáxia (PUC), Matrizes (USP), Famecos (PUC) e Intercom.

Quanto às revistas de classificação Qualis B1, foram analisadas as seguintes publicações: ALCEU (PUC-Rio), ANIMUS (UFSM), Comunicação & Inovação (USCS), Comunicação & Sociedade (Metodista), Contemporânea (UFBA), Contracampo (UFF), Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Intexto (UFRGS), Logos (UERJ), Lumina (UFJF), ECO-Pós (UFRJ), Revista Comunicação Midiática (UNESP) e Fronteiras (Unisinos).

Os fatores avaliados foram: edição, título do artigo, nome do/a(s) autor/a(s); instituição do/a(s) autor/a(s), se o texto aborda gênero, nº de autores homens; nº de autoras mulheres, gênero do(a) autor(a) principal, nome e gênero do/a(s) editor/a(s) da revista. Contudo, por questões de objetividade do trabalho, somente dissertaremos quanto a abordagem de gênero.

## **Resultados e discussões**

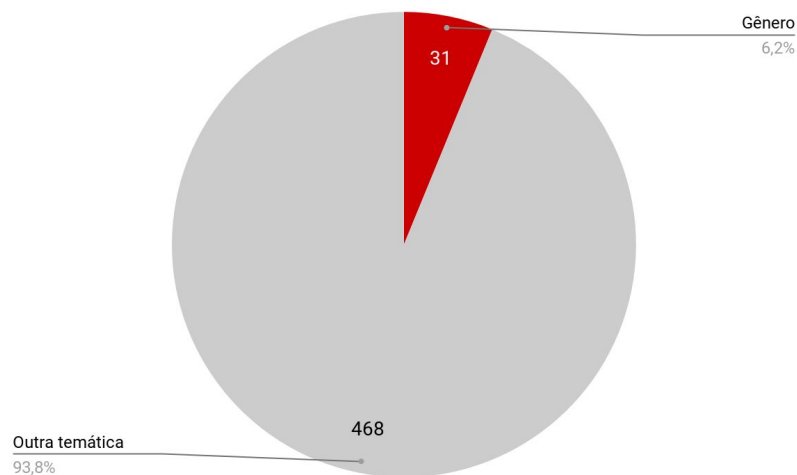
Das 1984 produções dos PPGs analisadas, nenhuma aborda a inserção das mulheres seja na ciência como um todo, seja na ciência da Comunicação. Há ocorrências da abordagem de gênero, mas nenhum relaciona esta questão com a Comunicação enquanto campo científico. Nenhum trabalho foi encontrado também na busca junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Bem como nos artigos, ao observarmos os dados resultantes da revisão bibliométrica desenvolvida nas revistas de Qualis A e B entre 2019 e 2020 (Gráficos 1 e 2, respectivamente) verifica-se o mesmo resultado. Ainda que alguns trabalhos proponham um diálogo sobre questões de gênero, sendo a maior parcela na escolha do objeto da pesquisa, não foram contabilizadas produções problematizando a desigualdade de gênero. Assim sendo, se corrobora a hipótese de que gênero e, sobretudo, a desigualdade de gênero na comunicação, não são temáticas recorrentes nas produções científicas desenvolvidas na área.



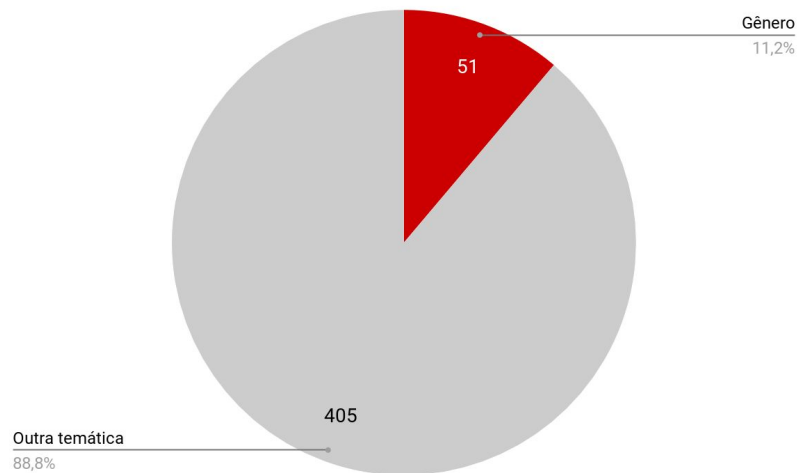
Ainda mais expressivo é o fato que de, entre os artigos pesquisados, assim como entre as teses e dissertações, não encontramos sequer um trabalho sobre o tema.

**Gráfico 01** – Temática dos artigos publicados em 2019 e 2020/1 nas revistas Qualis A



Fonte: Elaboração das autoras.

**Gráfico 02** – Temática dos artigos publicados em 2019 e 2020/1 nas revistas Qualis B



Fonte: Elaboração das autoras.

Como observado nos gráficos acima, dentre os 499 artigos publicados entre 2019 e o 2020/1 pelas revistas de classificação Qualis A, somente 31 abordavam questões de gênero,

representando pouco mais de 6% das produções. Quanto às publicações das revistas classificadas Qualis B1, das 465 publicações analisadas, apenas 51 (11,2%) tinham a temática envolvendo gênero, enquanto os 405 (88,8%) restantes não abordavam esse tema.

A partir disso constatamos que, apesar de, no Brasil, as mulheres serem maioria na Iniciação Científica<sup>12</sup>, na graduação e na pós-graduação<sup>13</sup> como alunas e pesquisadoras, isso não necessariamente reflete em um maior número de produções que abordam tanto gênero quanto a problemática da desigualdade de gênero na ciência da comunicação. Nesse sentido, por se tratar de um sistema que reproduz os parâmetros hegemônicos brancos e masculinos de sua origem, os *insider outside*, conforme denominação de Diana Mulinari e Nora Räthzel (2007, apud RÄTHZEL, 2018), são propensos a receber menos apoio dentro da esfera acadêmica em virtude de não se encontrarem no poder dominante. Assim, visando o crescimento individual profissional, mostra-se habitual que determinados grupos priorizem pesquisar objetos e temáticas mais consolidadas se comparados a estas de menor incentivo, como gênero. Por replicar as lógicas de poder da sociedade, a não abordagem de questões de gênero e, logo, da desigualdade de gênero no âmbito da academia tende a provocar uma manutenção das dinâmicas de poder existentes dentro e fora desta esfera.

Compete ressaltar que tais dados não visam contemplar e, conseqüentemente, não compreendem a dimensão da desigualdade de gênero na ciência e na comunicação. Tendo em vista que as dinâmicas da estrutura social existentes na carreira acadêmica interseccionam-se entre si é impreterível desconsiderar que uma análise levando em consideração outros fatores, como maternidade e, sobretudo, raça e classe, revelaria um perfil ainda mais branco, cisgênero e proveniente de condições financeiras favoráveis. Assim sendo, o intuito destes dados visa – acima de tudo – apontar e problematizar a escassez de discussões que abordam gênero e, mais precisamente, a desigualdade de gênero nesta área do conhecimento.

Além disso, o estudo em questão não compreende a totalidade de produções científicas realizadas na esfera da comunicação nos últimos anos no país, dessa forma, reconhecemos a possibilidade de existência de produções que não constam nos bancos de dados analisados mas que condizem com os critérios utilizados na avaliação. Entretanto, devido a amplitude dos bancos de dados, estes representam uma grande parcela dos trabalhos

---

12

Disponível

em:

[http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/493516](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/493516). Acesso em 30/10/2020.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://fapesq.rpp.br/noticias/mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-brasileira>. Acesso em 30/10/2020.

científicos e nos possibilitam inferir um panorama quanto à abordagem de gênero na comunicação.

### **Considerações finais**

Dessa forma, vale ressaltar que reconhecemos as dimensões da desigualdade de gênero na ciência, especialmente a partir da perspectiva interseccional que leva em conta raça e classe. Nesse sentido, visamos sobretudo instigar futuras problematizações quanto às dinâmicas de gênero e estrutura presentes na ciência da comunicação no Brasil. A discussão ainda é inicial e demanda pesquisa e uma gama de informações, porém, com os dados trazidos nesse texto, é possível se compreender a importância da discussão desse tema.

Nosso problema central - como se expressa a desigualdade de gênero na ciência da comunicação no Brasil - não foi respondido, porém se mostra mais relevante e urgente uma investigação desse tema, à partir dos dados adquiridos. A teoria do “ponto de vista” – *stand point*, de Elizabete Rodrigues da Silva (2008) diz que o produto da Ciência Moderna é o conhecimento autoritário oriundo de uma parte da população – homens brancos, heterossexuais e de classes elevadas. Assim, ao fazer ciência, esse grupo tem interesse em manter seus privilégios. Este conhecimento, marcado por essas características, influencia a concepção de mundo que temos. Por essa razão, ao contrário do que é convencionalizado, na visão do *stand point*, as mulheres falam de uma posição epistêmica marginal e oprimida que, por isso mesmo, pode ser entendida como privilegiada, porque, segundo ela, as classes dominadas ou excluídas podem entender de maneira mais objetiva a ordem social, por não terem interesse pessoal em sua manutenção (SILVA, 2008).

A comunicação, embora seja uma ciência majoritariamente “feminina”, está carente de estudos sobre gênero na ciência, que são necessários para que se compreenda qual a dimensão da desigualdade de gênero nesse campo. Dessa forma, se entende gênero como uma temática de pesquisa relevante e necessária para a reflexão sobre os rumos que o campo científico da comunicação irá tomar. A presente pesquisa é apenas uma parte do que se pode questionar em relação ao funcionamento ainda excludente da ciência da comunicação e não pretende esgotar o tema. Para as próximas iniciativas, fica, por exemplo, a possibilidade de estudar a quantidade de mulheres editoras nas revistas analisadas, já que a seleção dos artigos presentes nessas publicações depende da aprovação da edição. Entretanto, por mais que estejamos longe de responder a todas as perguntas que o assunto evoca, o primeiro passo para

que a ciência se torne mais plural é, justamente, questionar a hegemonia presente em seu interior.

### Referências bibliográficas

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. *Educ. Soc.* [online]. 2002, vol.23, n.79, pp.257-272.

LOPES, Maria Margaret. **Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade**. *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.35-61.

DA SILVA, Elizabete Rodrigues. **A (in)visibilidade das mulheres no campo científico**. *Revista Travessias* Ed. 03, 2008.

MARTÍN-PALOMINO, Esther Torrado. Redes, sororidad y techo de cristal. *In: Mujeres en la ciencia contemporánea: La aguja y el camello*. Icaria, 2018. p. 133.

GONZALEZ RAMOS, Ana M. ¿Por qué abandonan las mujeres? *In: GONZÁLEZ RAMOS, Ana M. Mujeres en la ciência contemporânea: La aguja y el camello*. Barcelona: Icaria, 2018. Cap. 1, p. 39-66.

RÄTHZEL, Nora. Respuestas estratégicas de mujeres y hombres a lo largo de sus carreras científicas. *In: GONZÁLEZ RAMOS, Ana M. Mujeres en la ciência contemporânea: La aguja y el camello*. Barcelona: Icaria, 2018. Cap. 1, p. 39-66.

VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos de Pagu**, v.10, p.309-344, 1998.